

COLUNA

Carnaval 2025

MACUMBEIRO, MANDINGUEIRO BATIZADO NO GONGÁ: QUEM SE METE COM SALGUEIRO ACERTA AS CONTAS CURIMBA!

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, carinhosamente conhecido como Salgueiro, é uma das mais tradicionais e inovadoras agremiações do carnaval carioca. Fundada em 5 de março de 1953, a escola nasceu da fusão de duas outras do Morro do Salgueiro: a "Depois Eu Digo" e a "Azul e Branco". Desde então, o Salgueiro tem se destacado por sua criatividade, ousadia e por enredos que exaltam a cultura afro-brasileira. Logo em seu primeiro desfile, em 1954, com o enredo "Romaria à Bahia", o Salgueiro surpreendeu ao conquistar o terceiro lugar, posicionando-se à frente de escolas já consagradas, como a Portela. Essa estreia marcante foi apenas o início de uma trajetória repleta de inovações que viriam a transformar os desfiles das escolas de samba. Nos anos 1960, sob a liderança de carnavalescos visionários como Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, o Salgueiro revolucionou o carnaval ao apresentar enredos que destacavam figuras negras históricas, até então pouco lembradas. Em 1960, com "Quilombo dos Palmares", a escola homenageou Zumbi dos Palmares, conquistando seu primeiro título. Em 1963, trouxe à avenida "Xica da Silva", destacando a vida da escrava que ascendeu na sociedade mineira do século XVIII. Nesse desfile, a inovação

¹ Professor Assistente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

ficou por conta da ala coreografada que dançava polca ao ritmo de samba, conhecida como "Minueto de Xica da Silva", encantando o público e os jurados.

Outra apresentação memorável ocorreu em 1969, com o enredo "Bahia de Todos os Deuses". Apesar da superstição de que temas sobre a Bahia traziam azar, o Salgueiro desfilou com esplendor, abordando o sincretismo religioso e celebrando a cultura baiana. O samba-enredo, com o refrão "Na ladeira tem, tem capoeira, zum zum zum zum zum, capoeira mata um", tornou-se um clássico, e a escola sagrou-se campeã daquele ano. A década de 1970 também foi marcada por inovações. Em 1971, o Salgueiro apresentou "Festa para um Rei Negro", cujo samba-enredo, conhecido pelo refrão "Ô-lê-lê, ô-lá-lá, pega no ganzê, pega no ganzá", tornou-se um sucesso nacional e internacional, sendo cantado até hoje em diversas ocasiões. Além das inovações artísticas, o Salgueiro também foi pioneiro em aspectos sociais. Foi a primeira escola de samba a aceitar mulheres em sua bateria, quebrando paradigmas e promovendo a inclusão feminina em espaços tradicionalmente masculinos. Com nove títulos no Grupo Especial, o Salgueiro mantém-se como uma das principais forças do carnaval carioca, sempre surpreendendo e encantando o público com desfiles que mesclam tradição, inovação e uma profunda conexão com as raízes culturais brasileiras.

O Salgueiro, com toda sua história de luta e inovação, não apenas desfila, mas evoca ancestralidade e espiritualidade. Em 2025, a escola avisa: quem se meter com eles acertará as contas na CURIMBA e se diz MACUMBEIRO E MANDINGUEIRO, batizado no GONGÁ. Cada uma dessas palavras carrega um significado profundo dentro das tradições afro-brasileiras e reforça a potência do enredo. CURIMBA é um termo associado aos pontos cantados e ritmados das religiões afro-brasileiras, como Umbanda e Candomblé. No terreiro, a curimba é conduzida pelos ogãs e atabaqueiros, evocando forças espirituais e abrindo caminhos para entidades. No contexto do samba, afirmar que "quem se meter com eles acertará as contas na curimba" é dizer que a força da escola vem do sagrado, de um lugar onde a justiça acontece de forma espiritual. MACUMBEIRO é uma palavra que foi ressignificada. Antes usada de forma pejorativa para descrever praticantes de religiões de matriz

africana, hoje é um título de orgulho. Ser macumbeiro é ter poder, conhecimento das forças espirituais e respeito pelas raízes africanas. No samba, o Salgueiro reivindica esse nome, transformando-o em um símbolo de resistência e ancestralidade.

MANDINGUEIRO remete à mandinga, que na tradição africana está ligada à magia, ao poder da palavra e ao conhecimento das forças ocultas. No Brasil, ser mandingueiro é saber jogar com o destino, transformar dificuldades em vitórias. No samba, isso reforça a ideia de que o Salgueiro não apenas desfila, mas faz de seu enredo um encantamento, uma feitiçaria do bem para envolver e emocionar. GONGÁ é o altar sagrado das religiões de matriz africana, onde ficam as imagens, assentamentos e guias das entidades espirituais. Ser "batizado no congá" significa ter a benção e a proteção dos ancestrais, estar em conexão direta com os orixás, caboclos e pretos-velhos. É uma afirmação poderosa de fé e identidade. Na letra do samba, tudo isso se torna poesia e afirmação. O Salgueiro não pede licença, ele impõe sua força, seu axé, sua história. O que se vê na avenida não é apenas um desfile, mas um ritual de resistência, um chamado às forças ancestrais. Cada tambor tocado, cada canto entoado, cada passo na avenida é um encantamento. E quem ousar desafiar essa escola, terá que acertar as contas na CURIMBA!!!

O Salgueiro, ao assumir a africanidade como identidade central de seu desfile em 2025, faz mais do que um enredo poderoso: ele lança um manifesto em uma época marcada por ataques sistemáticos dos setores neopentecostais ao Carnaval e às religiões de matriz africana. Essa não é uma escolha aleatória, mas uma reafirmação de sua trajetória histórica como uma escola que sempre dialogou com as lutas do povo negro, dos trabalhadores e das forças progressistas. Desde os anos 1960, com Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, o Salgueiro rompeu com a tradição eurocêntrica dos desfiles e trouxe para a avenida figuras como Zumbi dos Palmares, Xica da Silva e os deuses da Bahia. Essa guinada estética e política mudou para sempre o Carnaval, colocando a cultura negra e afro-brasileira no centro da festa. Ao longo das décadas, a escola manteve essa vocação, desfilando enredos que celebram a negritude e a história popular.

Além da estética, o Salgueiro sempre esteve ligado aos trabalhadores. Sua sede, encravada na Tijuca, região de classe média, mas com forte presença de comunidades operárias e suburbanas, sempre foi um ponto de resistência cultural. Nos anos de chumbo da ditadura, o samba do Salgueiro ecoava vozes de um Brasil profundo, que não se calava. Em momentos de crise e apagamento cultural, a escola foi palco de reafirmação das tradições populares. É impossível esquecer que um de seus maiores sambistas, Zuzuca, compôs "Ouro Negro" (1976), um dos mais belos sambas-enredo da história, exaltando a riqueza da África enquanto o país vivia a censura e a repressão. Hoje, quando igrejas neopentecostais atacam o Carnaval, demonizam as religiões de matriz africana e promovem uma cruzada contra a cultura popular, o Salgueiro responde com um enredo de força e resistência. Ao dizer que é "MACUMBEIRO E MANDINGUEIRO, BATIZADO NO CONGÁ", a escola não só rechaça a intolerância, como reivindica o direito à fé e à identidade cultural afro-brasileira. Isso tem um peso enorme em um contexto onde os terreiros são incendiados, as baianas sofrem agressões e o samba, que nasceu como expressão marginalizada, é alvo de perseguições veladas.

A bateria do Salgueiro, a Furiosa, toca para Xangô, e isso por si só já diz muito sobre o que podemos esperar do desfile de 2025. Xangô é o orixá da justiça, do fogo e dos trovões. Rei poderoso de Oyó, na cultura iorubá, ele é conhecido por seu senso implacável de equidade, punindo os mentirosos e os opressores com seu machado duplo, o oxé. Seu reino era próspero, sua voz trovejava sobre os inimigos e, quando se zangava, fazia chover fogo do céu. Seu símbolo é a pedra, representando a solidez da verdade e da retidão. Na história, Xangô é descrito como um rei forte, apaixonado e impetuoso. Casado com três poderosas mulheres — Obá, Oxum e Iansã —, sua relação com Iansã é uma das mais emblemáticas. Juntos, comandam as tempestades e os ventos, misturando a fúria dos trovões com a intensidade dos redemoinhos. É dele também o domínio dos tambores, o que torna ainda mais significativa a escolha da bateria do Salgueiro em dedicar seu ritmo a ele. Quando a Furiosa toca, não é apenas um som, é um chamado. O toque para Xangô não é qualquer batida: é quente, vibrante, carregado de axé. Esperar pouco do Salgueiro sob essa regência seria um erro. O desfile virá como um trovão, arrastando tudo com força, impondo respeito e

fazendo da avenida seu palácio de justiça. E se o orixá da pedreira estiver de acordo, pode ter certeza: vai ser um desfile inesquecível, digno de um rei. Por entre rituais de culturas diversas, a escola falará em 2025 dessas práticas espirituais que ajudam a fechar o corpo contra toda demanda. Vamos à letra do samba?

*Salve, seu Zé, que alumia nosso morro
Estende o chapéu a quem pede socorro
Vermelho e branco no linho trajado
Sou eu malandragem de corpo fechado
Macumbeiro, mandingueiro, batizado no gongá
Quem tem medo de quiumba não nasceu pra demandar
Meu terreiro é a casa da mandinga
Quem se mete com o Salgueiro, acerta as contas na curimba
Macumbeiro, mandingueiro, batizado no gongá
Quem tem medo de quiumba não nasceu pra demandar
Meu terreiro é a casa da mandinga
Quem se mete com o Salgueiro, acerta as contas na curimba
Prepara o alguidar, acende a vela
Firma ponto ao sentinela
Pede a bênção pra vovô
Faz a cruz e risca a pemba
Que chegou Exu Pimenta e a falange de Xangô
Tem erva pra defumar, carrego o meu patuá
Adorei as almas que conduzem meu caminho
É mojubá, marabô, invoque a Lua
Que o povo da encruza não vai me deixar sozinho
Sou herança dos malês, bom mandingo e arisco
Uso a pedra de corisco pra blindar meu dia a dia
No tacho, arruda e alecrim, ô
Bala de chumbo contra toda covardia
Tenho a fé que habita o sertão
De Lampião, o cangaceiro
Feito Moreno, eu vou viver
Mais de cem anos no meu Salgueiro
Tenho a fé que habita o sertão
De Lampião, o cangaceiro
Feito Moreno, eu vou viver
Mais de cem anos no meu Salgueiro
Sou espinho qual fulô de macambira
Olho gordo não me alcança
Ante o mal, a pajelança pra curar
Sempre há uma reza pra salvar
O nó desata, liberdade pela mata
E os mistérios do axé, meu candomblé
Derruba o inimigo um por um
Eu levo fé no poder do meu contra-egum
Salve, seu Zé, que alumia nosso morro
Estende o chapéu a quem pede socorro
Vermelho e branco no linho trajado
Sou eu malandragem de corpo fechado
Macumbeiro, mandingueiro, batizado no gongá
Quem tem medo de quiumba não nasceu pra demandar
Meu terreiro é a casa da mandinga*

*Quem se mete com o Salgueiro, acerta as contas na curimba
Macumbeiro, mandingueiro, batizado no gongá
Quem tem medo de quiumba não nasceu pra demandar
Meu terreiro é a casa da mandinga
Quem se mete com o Salgueiro, acerta as contas na curimba
Prepara o alguidar, acende a vela
Firma ponto ao sentinela
Pede a bênção pra vovô
Faz a cruz e risca a pemba
Que chegou Exu Pimenta e a falange de Xangô
Tem erva pra defumar, carrego o meu patuá
Adorei as almas que conduzem meu caminho
É mojubá, marabô, invoque a Lua
Que o povo da encruza não vai me deixar sozinho
Sou herança dos malês, bom mandingo e arisco
Uso a pedra de corisco pra blindar meu dia a dia
No tacho, arruda e alecrim, ô
Bala de chumbo contra toda covardia
Tenho a fé que habita o sertão
De Lampião, o cangaceiro
Feito Moreno, eu vou viver
Mais de cem anos no meu Salgueiro
Tenho a fé que habita o sertão
De Lampião, o cangaceiro
Feito Moreno, eu vou viver
Mais de cem anos no meu Salgueiro
Sou espinho qual fulô de macambira
Olho gordo não me alcança
Ante o mal, a pajelança pra curar
Sempre há uma reza pra salvar
O nó desata, liberdade pela mata
E os mistérios do axé, meu candomblé
Derruba o inimigo um por um
Eu levo fé no poder do meu contra-egum
Salve, seu Zé, que alumia nosso morro
Estende o chapéu a quem pede socorro
Vermelho e branco no linho trajado
Sou eu malandragem de corpo fechado*